

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: PIP - antecedentes

Data: 06.05.84 Pg.: 10, 17 502

Há 40 anos, uma expedição rumo ao "ignoto" do País



O barco "Captariquara" acabou levando a expedição de Aragarças para Xavantina

Foto: Banco de Dados

LUÍZ SALGADO RIBEIRO

Da nossa equipe de reportagem

O Parque Nacional do Xingu é resultado de uma epopéia que começou há mais de 40 anos: a Expedição Roncador-Xingu, que durante 13 anos percorreu o Brasil Central, navegando rios cheios de corredeira, abrindo campos de aviação e mais de mil quilômetros de picadas em cerrados e selvas desconhecidas, desde Aragarças - no sudoeste de Goiás, limite com Mato Grosso - até Jacareacanga, nas margens do Tapajós, já próximo da fronteira com o Amazonas.

Aos 70 anos, Orlando Villas Boas, um dos comandantes dessa expedição, ainda guarda bem humoradas recordações da marcha que foi para ele e para seus irmãos Cláudio e Leonardo a oportunidade de deixarem seus engratados empregos em escritórios de São Paulo, para se transformarem nos mais conhecidos e respeitados sertanistas do Brasil.

Ele conta que em 1942 - em plena Segunda Guerra Mundial, provocada pelo expansionismo alemão em busca do "espaço vital" - começou-se a falar na Europa de um plano de ocupação dos vazios do Brasil Central pelas populações excedentes, não só da Alemanha como também de outros países europeus. Por isso, o então presidente Getúlio Vargas decidiu criar a Fundação Brasil Central que se encarregaria de montar uma expedição com a finalidade de abrir caminhos para uma ocupação brasileira das terras que estavam sendo cobiçadas pelos europeus. Nomeou para chefia-la o então comandante da guarda do Palácio do Catete, coronel Flaviano de Matos Vanique, que veio para São Paulo arrecadar doações de gêneros e equipamentos para a expedição, pois o governo não tinha dinheiro para essas compras.

"A São Paulo Alpargatas doou dezenas de lonas para barracas; uma grande fazendeira, Sinhá Junqueira, ofereceu 80 mil litros de álcool-motor e a Antarctica deu 20 mil litros de rum e conhaque, transformados em pileques inesquecíveis" - conta Orlando, lembrando sua tentativa frustrada de integrar a expedição, a partir de São Paulo:

"Fui procurar o coronel Vanique, no Hotel Esplanada, ali atrás do Teatro Municipal. Ele disse que não podia me contratar porque queria a expedição formada apenas por analfabetos, que, no seu entender, eram homens mais resistentes. Então, eu, o Cláudio e o Leonardo deixamos crescer a barba, para perder o jeito de escriturários, e em 1943 fomos nos apresentar à expedição lá em Aragarças, onde fomos contratados entre os caboclos da região. No começo eu fui sergente de pedreiro".

Momento histórico

Naquela época, Aragarças - um pequeno povoado de garimpeiros - era chamada Barra Goiana e era o limite extremo da civilização. Lá a expedição abriu seu primeiro campo de aviação. Dall para diante, era o

desconhecido, ou "o ignoto", como o coronel Vanique gostava de falar. Até lá a expedição foi transportada em caminhões, por precárias picadas que praticamente só eram transitadas por tropas de burros.

"Foi aí que o coronel descobriu, muito surpreso, que a expedição, formada por uns 20 homens, também iria precisar de tropeiros e burros - lembra Orlando - Então contratou os irmãos Santana e Ferreira Lima e comprou 176 burros.

Com tudo pronto, a arrancada começaria por atravessar o Rio Araguaia, do lado de Goiás, para o de Mato Grosso. Os tropeiros aconselharam que a carga fosse levada de barco e os burros, a nado, até o outro lado do rio, onde a tropa seria formada. Mas o coronel Vanique não concordou:

"Estamos vivendo um momento histórico. A expedição tem de partir da praça da igreja, com toda a solenidade" - sentenciou o coronel, segundo Orlando, determinando que, depois da festa, a tropa desfilar-se dois quilômetros até a beira do rio, onde então seria feito o que os tropeiros aconselhavam.

Assim, com toda pompa e circunstância, 70 burros com cangalhas repletas de carga alinharam-se amarrados a uma corda, junto dos integrantes da expedição, perfilados para ouvir o solene discurso do coronel Vanique, falando da importância da conquista do "ignoto". Mal terminou sua fala com um vibrante "viva o Brasil e viva Getúlio Vargas", soltou-se uma salva de foguetes para completar a festa.

"Quando o foguetório começou, os burros assustados arrebitaram a corda e desembestaram pelo mato. Até hoje tem restos de cangalhas espalhados pelos cerrados de Aragarças. Espantado com o inesperado fim da solenidade, o coronel Vanique só fez um comentário: Fuxa! Que burrada burra..." recorda o sertanista, imitando o sotaque e a cara de espanto do coronel.

Com boa parte da burrada perdida, optou-se pela avançada por via fluvial. Foi comprado o batelão "São Felix", que deveria descer 120 léguas pelo sinuoso Araguaia - até a Ilha do Bananal - e depois subir mais 80 pelo Rio das Mortes, para chegar ao local escolhido para o estabelecimento do primeiro povoado, que hoje é a cidade de Nova Xavantina.

Porém, sobrecarregado ao extremo, o "São Felix" não chegou a navegar a primeira légua: foi ao fundo, com toda a sua carga, pouco mais de um quilômetro depois de ter deixado o porto.

Mais alguns meses perdidos - até que se arranjassem um novo barco, o "Captariquara" - e a expedição acabou chegando ao fim de sua primeira etapa, no começo de 1944. Em 14 de abril foi fundada o povoado de Xavantina, que teve em sua primeira igreja uma santa "canonizada" pelo próprio coronel: "Santa Aldinha", nome de sua esposa, falecida pouco tempo antes.

Em 61, a criação do Parque do Xingu

De Xavantina para diante a expedição iria cruzar uns 200 quilômetros em terras dominadas pelos temíveis xavantes. Ficou então acertado que um contingente de 12 soldados da Polícia Militar de Goiás, fortemente armado, deveria ir à frente para "abrir caminho". Mas esse acerto durou pouco. O marechal Rondon ficou sabendo do plano e, temendo massacre dos índios, pressionou o governo para excluir os soldados da avançada.

Foi aí, que Orlando, Cláudio e Leonardo foram convidados para assumir a vanguarda da expedição, enquanto o coronel Vanique permanecia em Xavantina e acompanharia a evolução da marcha, com sobrevôos em um teco-teco. Cláudio e Leonardo chefiavam o pessoal que abria as picadas, enquanto Orlando tomava conta das tropas de burros, usadas para abastecer a frente de trabalho.

"Os xavantes até que foram muito gentis com a gente. Só nos atacavam, quanto pensavam que a gente ia se fixar no terreno. Por isso, nós procurávamos não parar muito tempo nos acampamentos" - recorda Orlando, explicando que a expedição se safava das escaramuças dos xavantes disparando tiros para o ar.

Havia, porém, um permanente temor de que algum trabalhador acabasse atirando nos índios. O Velho Félix - alagoano, ex-garimpeiro - era um dos que achavam um "desperdício gastar balas no vento". Foi aí que Cláudio começou seu "catequese", em meio a uma roda de viola, após o jantar:

"Velho Félix, se você vê um bando de gente armada invadindo o seu quintal e vindo na direção de sua casa, o que é que você faz?"

"Vige Maria! Eu mato eles!" - foi a resposta segura do ex-garimpeiro.

"Então - continuou Cláudio - como é que você acha que os xavantes devem reagir, vendo a gente com espingardas nas costas, invadindo a terra deles?"

"Num é que o índio tem razão! Nós

num pode atirar neles não" - convenceu-se o velho.

Assim, a travessia do território xavante - e, depois, o de outras tribos - acabou acontecendo sem nenhuma troca de tiros por flechadas. O que era considerado impossível aconteceu: nenhum índio ou trabalhador foi ferido durante toda a caminhada.

O começo do parque

Em 1949 a expedição chegou ao Alto Xingu e começaram os contatos com as 17 tribos que habitam a região. Os primeiros foram os kalapalos, depois kuicuro e kamayurá. Depois desses primeiros contatos, os Villas Boas passaram a defender uma mudança nos objetivos da expedição. Ela não deveria mais estabelecer núcleos de povoados para os brancos e, sim, preservar a integridade dos territórios já ocupados pelos índios, evitando se atritos com as despreparadas vanguardas da civilização.

Conseguida essa mudança de objetivo, a Fundação Brasil Central desinteressou-se da manutenção da expedição e do núcleo já estabelecido em Xavantina. Porém, o Ministério da Aeronáutica interessou-se pela continuação do trabalho de abertura de campos de pouso, que poderiam dar sustentação - em caso de emergência - para uma rota direta Rio Manaus. Até aquela época - por falta de pistas de alternativa no Brasil Central - a viagem Rio Manaus e vãos para Miami eram feitos dando-se a volta, pelo litoral do País.

Aí, os irmãos Villas Boas passaram a se revezar entre os trabalhos de estabelecimento de contatos com as nações indígenas do Xingu e o prosseguimento da expedição até o Vale do Tapajós, onde ela chegou em 1956, deixando como rastro a abertura dos campos de pouso de Aragarças, Xavantina, Xingu, Jacaré, Cachimbo e Jacareacanga.

A criação do Parque Nacional do Xingu, só foi conseguida em 1961, quando a maior parte das tribos da região já estava contatada.



Cláudio e Leonardo Villas Boas com um kamayurá